

## **Resenha**

SILVA, Irene Araújo van den Berg, *Santos locais: cartografia das devoções no Rio Grande do Norte*. Mossoró-RN, EDUERN, 2021, 86p.

*Maristela Andrade*<sup>1</sup>

O livro de Irene van den Berg é um excerto de sua tese, a qual tive o prazer de ler em primeira mão. A leitura me transportou para o universo da fésincera e profunda vivida pelo povo brasileiro em tornados pequenos santuários, alguns meros cruzeiros erigidos pelos devotos em lugares isolados de difícil acesso. Este contexto da fé foi revisitado por Cascudo em *Religião no Povo*, que revelou paralelos interessantes com o fenômeno estudado por Irene, em que a religiosidade do povo brasileiro se conecta com a devoção aos santos locais, “desconhecendo desdenhosamente o Código Canônico [...] O exemplo brasileiro é expressivo dessa insubmissão devocional”<sup>2</sup>.

Professora adjunta do curso de ciências da religião da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte desde 2005, Irene possui formação em ciências sociais até o doutorado na UFRN, e em sua trajetória acadêmica se dedicou a investigar desde expressões religiosas dos carismáticos católicos, a religiosidade das devoções populares. Já suas pesquisas no âmbito do curso de ciências da religião focaram no turismo religioso em santuários do Rio Grande do Norte, e mais recentemente desenvolveu pesquisa sobre a memória religiosa de Natal, que teve como fruto a organização de um livro.

---

<sup>1</sup> Professora Titular aposentada da Universidade Federal da Paraíba, e atualmente atua como professora voluntária nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Criou o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Sociedade e Ambiente (2012) do qual é coordenadora adjunta. Email: [andrademaristela@hotmail.com](mailto:andrademaristela@hotmail.com)

<sup>2</sup> Luiz da Câmara Cascudo. *Religião no povo*. João Pessoa, Imprensa Universitária da Paraíba, p.99, 1974.

A denominação Santos locais foi adotada pela autora na mesma perspectiva de Cascudo em contraponto aos santos canônicos, cujos cultos se disseminam em grandes extensões geográficas, enquanto os santos pesquisados se caracterizam por devoções que se enraízam em uma geografia de raio limitado. Já para Cascudo<sup>3</sup>: “Ao lado dos Santos universais e regulares vivem os Santos regionais, irregulares canonicamente, mas consagrados pela confiança popular.” Contudo, a conceituação de Irene se desdobra, se estende e se aprofunda ao longo do livro, à medida em que são agregados sinais diacríticos, com base em suas observações empíricas, bem como em pressupostos teóricos que fortalecem a sua proposição.

O pequeno, porém, denso livro contou com o Prefácio de Luiz Assunção, reconhecido antropólogo potiguar, pesquisador sensível e rigoroso do campo das culturas populares e religiões subalternas, que acompanhou a formação acadêmica de Irene, com quem ela dialogou desde o primeiro esboço do que viria a ser sua pesquisa de doutorado. A apresentação e introdução, assim como as considerações finais fornecem informações valiosas sobre a publicação, assim como o enquadramento teórico e a perspectiva socioantropológica do seu percurso. De resto, o livro foi composto em dois capítulos, nos quais construiu o arcabouço de sua cartografia tomando dois eixos de análise, as narrativas míticas e a morte. A composição de um roteiro de santuários representou para a autora um investimento no registro de um patrimônio imaterial da cultura do seu estado, sendo retratado na capa do livro o ícone destas devoções, uma capela branca e um cruzeiro coberto por pedras, fitas e rosário, testemunhos dessa fé.

No primeiro capítulo, a autora delinea os caminhos de sua cartografia: o primeiro foi bibliográfico com base na literatura acadêmica (livros de pesquisadores da universidade, teses e dissertações) com ênfase sobre o estudo

---

<sup>3</sup> Ibid, p. 96

de Veríssimo de Melo<sup>4</sup>, e o segundo foi empírico, ao percorrer os rincões do seu estado e as periferias de Natal para conhecer os santuários *in locu*, entrevistar seus guardiões e captar sua impressão do lugar. O uso da fotografia foi um recurso adotado para o registro dos santuários, formando um inventário do patrimônio: cruzeiros, capelas simples e rústicas, objetos de devoção como estampas dos santos locais e ex-votos guardados ou expostos nos interiores das capelas. As pedras colocadas nos cruzeiros (pedestal ou na cruz) foram interpretadas por Cascudo em suas viagens pelo sertão, como orações pelas almas dos que teriam morrido de forma trágica no local. Nestas andanças, Irene encontrou santuários e cruzeiros com sinais de atividade devocional, enquanto outros pareciam esquecidos e abandonados, o que a fez perceber uma dinâmica nessas devoções que surgem e desaparecem em um processo de esquecimento das narrativas dos santos locais.

O propósito da cartografia foi encontrar umnexo comum entre os santos locais para produzir uma conexão entre os diferentes espaços de devoção, estudados separadamente pelos autores. Ao abordar as narrativas ela traçou um perfil dos santos que abarca um espectro variado, desde crianças, mulheres, escravos, trabalhadores rurais, vaqueiros e até bandidos. Embora, ela não tenha chegado a esboçar uma tipologia dos santos, usou a expressão ciclo de cultos femininos, para identificar as devoções às santas mulheres que inclui as santas prostitutas mencionadas em outros estudos, apesar de ausentes no seu estado. Haveria um ciclo masculino composto por heróis bandidos, imprimindo uma conotação ambígua a santidade de personagens identificados como heróis por ajudarem os pobres. E por último, o ciclo das crianças, que recebeu mais atenção da autora no levantamento dos santos locais. O Santuário das Covinhas de duas santas meninas foi o que recebeu maior atenção, com mais informações e fotografias, pela importância das narrativas do seu guardião. A par dessa

---

<sup>4</sup> Veríssimo de Melo. Calendário Cultural e Histórico do Rio Grande do Norte. Natal. Conselho Estadual de Cultura – RN. 1976

diversidade de santos, ela mostrou mais interesse pelo elo comum entre eles, proveniente do pertencimento a grupos sociais marginalizados da sociedade, sendo todos marcados por uma vida de privação e sofrimentos.

A cartografia gerou dois mapas, o primeiro disposto em um quadro com identificação do município, do santo e de sínteses das narrativas correspondentes a cada um; já o segundo no formato do mapa do Rio Grande do Norte no final do livro, com a distribuição das devoções no estado. Este capítulo foi dedicado às narrativas dos santos locais e sua importância para manutenção da memória dos santos e suas devoções, sendo graças à repetição delas que eles se mantêm vivos. As narrativas, denominadas de mitologias mínimas pela autora, foram analisadas na perspectiva das áreas de sua ocorrência de modo a demarcar uma espacialização das devoções distribuídas no estado do Rio Grande do Norte. Esse conjunto mitológico revela elementos comuns que se repetem e permitem estabelecer um elo entre os diferentes perfis dos santos locais, crianças, mulheres, escravos, vaqueiros ou trabalhadores rurais, com vidas anônimas e situados à margem da sociedade, que ganham visibilidade por suas mortes trágicas que passam a dar um sentido especial a suas histórias.

As narrativas fazem uma breve descrição da vida do santo em suas agruras e em sua fragilidade diante do seu algoz, situação de fragilidade com a qual muitos dos devotos se identificam. Um conteúdo mítico recorrente nas narrativas se refere à descoberta do corpo do mártir em estado denominado de “corpo santo que se caracteriza pela incorruptibilidade do cadáver e essa evidência é indício da natureza santa do seu portador” (p.28). Essa condição especial aparece nas narrativas dos santos e santas locais investigados por Irene, em que o odor de rosas exalado pelo corpo, é um sinal de santidade. Uma das narrativas menciona um frade que após um sonho localizou um corpo santo enterrado em uma colina, que seria exumado e levado a Roma para

averiguação. Em processos canônicos de santificação, o corpo santo adquiriria importância nas operações de atribuição de santidade.

No segundo capítulo, a autora propõe uma análise da morte como sinal diacrítico para a identificação do santo local, tomando a morte violenta como origem do mito. Portanto, a autora defende que “é o momento da morte que revela sua distinção” (p.73). Neste contexto, ela percebe que embora os devotos reconheçam poderes milagreiros ao morto ou morta, não agrega o termo santo ao seu nome, como nos exemplos de Cabocla e Zé Leão. Para os devotos, mais importante que a atribuição de santidade é a fé na eficácia dos milagres, de modo que o atributo de milagreiro é mais potente. Irene captou o sentido movente deste campo religioso ao afirmar que: “a religiosidade popular joga com seu caráter de inacabamento, permitindo aos personagens que ela fomenta uma atualização na qual eles são reinventados constantemente” (p.74). Nesta análise, ela aprofunda sua compreensão dos santos locais, em que a noção de santidade perde força em favor da eficácia simbólica do milagre. Com isso, os devotos não buscam o reconhecimento institucional da santidade dos seus santos locais, preferindo denominá-los como milagreiros.

As narrativas revelam que os sujeitos alçados à categoria de milagreiros viviam no anonimato até se tornarem protagonistas de tragédias pelas circunstâncias de suas mortes. A distinção dessas pessoas é construída como imaginário e discurso, em que a morte e o morrer são vistos como um fato social total que influencia várias instâncias da vida. As reflexões da autora sobre o tema da morte são feitas a partir de autores clássicos nesta matéria como Ariès e Vovele, e elege a “morte sofrida” como sinal diacrítico que marca uma desigualdade no morrer, que equivale a pensar na morte boa e má. Dito isto, ela reelabora a noção de santos locais como “aqueles que tomam evidência pública, uma vez que seu tratamento diferencial assume os contornos de culto coletivo”(p.76).

A morte ganha relevância nos discursos encontrados em repertórios sociais das culturas tradicionais, que evocam a vivência de uma alteridade entre vivos e mortos, e diferenças nos rituais entre as boas e más mortes. Para estas, os rituais envolvem a memória dos espaços que marcam a tragédia como espaços dúbios, de pessoas que “não tem quem por eles orem” (p.80). Irene traça um perfil da vida dos personagens sem nome, sem biografia, sem vínculos, de modo que sua relevância no mundo advém da sua morte, e termina por reelaborar o conceito: “Os santos locais, são, portanto, construídos a partir dos lugares de sua morte, articulando evento e personagem no produto de uma condição subalterna” (p.80).

Nas considerações finais, Irene constrói sua análise socioantropológica dos santos locais e seus devotos, em que assume uma perspectiva de dessacralização do fenômeno investigado, seguindo a tradição de Durkheim. Para ela, do enredo hagiográfico dos santos locais emergem as mazelas da sociedade patriarcal com a violência contra as mulheres, incluindo a violência contra as crianças, a opressão dos latifúndios sobre os trabalhadores rurais, e enfim a profunda e persistente desigualdade social entre pobres e ricos.

Recebido em 21-07-21  
Aprovado em 21-08-21